

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 1500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 9

EXPEDIENTE

Aos excellentissimos senhores a quem enviamos o nosso jornal, rogamos que, quando o não queiram assignar, de nol-o devolverem com a mesma cinta, ou indicação do seu nome para a suspensão da remessa; aliás serão considerados assignantes.

BRAGA

SABBADO 25 DE MARÇO DE 1882

DISTINGAMOS

Quando encetamos a publicação da nossa folha, desenrolamos uma bandeira de conciliação, porque entendiamos e entendemos que sendo a primeira necessidade do partido legitimista acabar com a apathia, que o tem tornado ridiculo e impotente em tantos annos de ocio, o primeiro passo a dar seria unir todas as forças dispersas, *mas uteis* do partido, esquecendo erros do passado, e pondo de parte personalidades.

Não dissemos, nem queremos dizer, uma só palavra que podesse parecer offensiva de qualquer susceptibilidade.

Acontece porém que de alguns não fomos comprehendidos, nem na lealdade do nosso procedimento, nem na pureza das nossas intenções. Daqui a derivação de uma intriga mesquinha, e uma provocação sobremodo insistente.

Forçados a fallar mais claro ao partido, dissemos algumas verdades difficeis de ouvir e, para nós, mais ainda, de dizer.

Se as não dissessemos accusar-nos-hiam de complicitade nos embustes com que se tem entretido a esperança do partido com ficções e chimeras.

Poderíamos, não obstante, ir muito mais longe, e estamos crentes de que nos saberíamos sustentar no embate das ondas da opinião, fluctuando sempre á superficie, sustidos pelas provas incontrovertidas de tudo quanto temos dito, ou poderíamos ainda largamente accrescentar.

Não carecemos porém de maiores queixas para assentarmos os nossos pontos capitais:

1.º—O partido legitimista, se não trabalha morre.

2.º—O partido legitimista, se morre de inanção deshonra-se.

Os meios que aconselhamos são a lealdade, prudencia e zelo:—unir, trabalhar e vencer.

Mas em quanto não estivermos unidos é realmente difficil conciliar as necessidades de todos com os preconceitos de alguns.

A falta de convivencia dos membros d'este partido é causa de se não conhecerem bem uns aos outros, e d'aqui nasce uma certa tibieza, uma certa desconfiança, que faz que reciprocamente se olhem de suslaio.

Ora parece de uma logica de ferro que o melhor meio de não morrer, é viver. Ha porém espiritos que nem com esta logica sabem lidar!

Querem que o partido legitimista seja uma coisa útil; mas não o querem fóra das circunstancias que o tem tornado nocivo. Querem-no robusto, mas não lhe querem dar alimento.

Quanto mais nos esfalfamos menos nos comprehendem certos espiritos.

E são estes que gritam—«querem illudir-nos, querem dividir-nos os traidores!

Que logica esta!

Apostolisamos a união, e dizem que queremos a divisão: elles, estão divididos, e desejando conservar-se no mesmo estado, é que querem união!

Haverá alguém que nos diga se isto não é paradoxal?

Pois para elles isto é que é logica e coherencia!

Nós somos uns traidores, por que advogamos a organização do partido, o trabalho util no caminho dos triumphos! Elles, os taes espiritos illuminados, querem triumphar, mas não querem buscar esse triumpho. Esperam que o anjo das victorias lhes venha bater á porta, e lhes diga «aquí está a terra prometida!» Vêem que o partido está a morrer de desfalecimento, e dão-lhe aguas mornas. Elles é que são os fieis sustentáculos da causa!

Já se viu um bom senso d'este quilate?!

Só estará unido quem estiver unido a elles; só não será traidor quem quizer o que elles querem; só será honrado, quem dormir com elles o somno dos mortos!

De fóрма que Christo pregando o amor, queria desunir e inimizar a humanidade! Herodes é que era o Messias o salvador do

mundo! O Judas era um santo, o traidor era o que negava Jesus, por ordem do Divino Mestre!

Ora, senhores, como quereis que vos tomem a serio?—

Porventura o plano de esperar immovel é uma lei immutavel da honra e do dever?

Pois o partido legitimista francez não é honrado como nós, e não tem seguido e segue caminho diverso do que temos seguido?

O partido legitimista hespanhol, não é honrado como nós, e não se move tanto e mais que o partido legitimista francez?

Pois Carlos VII, organizando o seu partido, o que fez?

Vendo que os elementos adeptos ao Conde de Morella eram um torpedo ao triumpho da legitimidade, pelo aferro aos seus preconceitos, o que fez? Poz de parte Cabrera e os seus sequazes, e caminhou para deante com aos seus fieis hespanhóes. Foi Carlos VII traidor ao descendente de S. Fernando? Foi Carlos VII que dividiu o partido carlista, ou foram os cabreristas que se separaram d'elle?

Quem foram os traidores: os que deram o seu sangue ás bandeiras de Carlos VII, ou os Cabreras, os rabugentos, os *ojalateros* (1) que depois de se haverem desacreditado para com o seu partido, se venderam cobardemente ao ouro e aos titulos liberaes, movendo pela intriga (*tambem*) no seio do exercito já tantas vezes vencedor de Carlos VII; a ruina de uma tão gloriosa tentativa, quando já, á custa de tantos sacrificios dos verdadeiros legitimistas, a causa liberal vacilava nos seus fundamentos, com grande esperança para toda a Europa legitimista?

Por Deus! Haja senso commum, haja uniformidade de pensamento, e haverá unidade de trabalho. Em quanto nem todos os legitimistas quizerem ser o partido legitimista; em quanto cada cabeça tiver uma idéa independente, e cada individualidade traçar, a seu bello praser, um plano politico, ha-de haver incompatibilidades e erros.

(a)—Era o nome que se dava aos legitimistas que não sendo capazes de dar um passo pela causa, se limitavam a dizer—«*oxalá*».

Esta denominação foi já do tempo da guerra de Carlos V, e continuou na de Carlos VII.

Os *ojalateros*, eram olhados por todo o exercito carlista, e até pelos liberaes, como entes despreziveis, e como traidores ou especuladores. O verdadeiro typo do *phantomeiro politico*.

pulavam. Eram capitães d'ellas—*Ayres Gomes da Silva*—*Simão de Pina*—*Vasco de Athayde*—e o insigne *Bartholomeu Dias*, o primeiro descobridor do mesmo Cabo.

Depois de 20 dias de tormenta, continuou o resto da esquadra a sua viagem, tocando em Moçambique, Quiloa, ilhas de Aunchediva, e, finalmente, Calicut.

Na volta para a Europa, descobriu Cabral, a 15 de janeiro de 1501, a riquissima, magnifica e populosa cidade de *Cananor*, cujo rei era um dos tres mais poderosos do Malabar; e ajustou logo pazes com os portuguezes, mandando um embaixador ao nosso rei, pedindo a sua alliança e protecção.

Assim terminou esta gloriosa expedição. (a)

O 4.º conde de Belmonte, descendente de Pedro Alvares Cabral, foi *D. Vasco Manoel de Figueiredo Cabral da Camara*, feito pelo principe regente (depois, D. João VI) em 18 de maio de 1803.

Era 2.º senhor dos *Maninhos da Covilhã*—40.º morgado de Otta (Alemquer) 16.º senhor do de Belmonte e do de Santo An-

(a)—Os Cabraes de Belmonte, foram partidários de Philippe IV, de Castella, durante a guerra da restauração, pelo que D. João IV lhe tirou todos os senhorios da corôa, e as suas dignidades, que mais tarde lhe foram, na maior parte restituídas.

drê (Azurára)—par do reino, em 1826—porteiromór da casa real—gentil-homem da camara de D. João VI—grão-cruz das ordens da Conceição e Torre Espada—commendador da de Christo—tenente coronel de cavallaria, etc., etc. Nasceu a 29 de março de 1767, e morreu em 10 de novembro de 1830.

Era filho de D. Pedro da Camara de Figueiredo Cabral, 1.º senhor dos *Maninhos da Covilhã*; 9.º senhor do morgado de Otta; alcaide-mór das villas da Certã e Pedrogam Grande; do conselho de Dona Maria 1.ª, gentil-homem da camara de D. Pedro 3.º; commendador da ordem de Christo; e marchal de campo.

Por fallecimento de seu tio, Caetano Francisco Cabral, herdou os senhorios de Belmonte e Azurára.

O 2.º conde de Belmonte, foi *D. José Maria de Figueiredo Cabral da Camara*, que herdou os senhorios e titulos de seu pae, o 1.º conde.

Nasceu em 15 de dezembro de 1800, e falleceu a 5 de abril de 1834. Era filho unico.

Casou em fins de novembro de 1820, com Dona Maria Domingas de Castello-Branco (depois condessa do Vimioso) filha dos 2.ºs marquezes de Bellas, condes de Pombeiro. Foi seu filho.—

O 3.º conde de Belmonte o sr. D. Vasco de Figueiredo Cabral da Camara, que

Estas mesmas hesitações, estas mesmas utopias, estas divergências de pensamento estão provando, com jorros de luz, que estamos cheios de razão e de justiça, quando queixando-nos do estado actual do partido legitimista, nos pronunciamos abertamente pela sua união por meio de uma organização regular, com um programma definido, e com uma acção harmonica e sensata.

É mister que se reflita na necessidade de edificar para os novos uma coisa nova.

É evidente (e não é necessario ser doutor em politica para o conhecer) que se o partido legitimista continuar decadente, extinguir-se-ha a actual geração á espera de um edal, e com ella irá para o tumulo o partido legitimista, já rareado, e grandemente debilitado.

Não podemos esperar que a geração futura nos accete um legado de estacionamento, quando as sociedades propendem a progredir.

Deixemo-nos de illusões. Nossos filhos não poderão collocar-se fóra do movimento natural das coisas.

Se nos não basta o discernimento claro da verdade, tacteemos o que está acontecendo.

Vejamos, ouçamos, tomemos o pulso á moderna geração: Vamos aos partidos novos contar quantos filhos de legitimistas ali se acham já alistados, e porque razão se foram ali alistar; e digamos a quem pertence a responsabilidade d'aquellas apostasias. Que dizem os apostatas?

—«Somos novos, damos á vitalidade o que ella nos pede, acção, esperança e trabalho. Nada d'isto podíamos ter n'um partido estacionario, n'um partido que não póde voltar á vida, por que está vinculado, chumbado ás suas velharias, por que quer o que o seculo não póde querer, a restituição das forcas, do santo officio, dos despotismos e tyrantias feudaes!»

Se se lhes objecta com uma palavra de esperança, a resposta é um sorriso, cuja metade é incredulidade, e outra metade sarcasmo.

Se perguntamos aos paes pela degeneração politica dos filhos, respondem:

—«São rapazes, ferve-lhes o sangue, amam as grandes sensações, que buscam nas controversias dos partidos activos. Aspiram a uma posição social. Os rapazes querem coisas novas.»

E encolhem os hombros.

obteve o titulo, em 25 de junho de 1847. Nasceu a 4 de maio de 1829.

Estes condes, são senhores—Do morgado de Santo André, em Azurára, desde 12 de abril, de 1395.

Do morgado de Belmonte, desde 9 de maio, de 1837.

Do morgado de Otta, desde 26 de julho de 1534.

O seu palacio, é á Bôa-Hora, de Belem.

Como tratei d'esta nobilissima familia, compre-me dizer que—

no dia 15 de fevereiro d'este anno de 1882, na capella particular dos snrs. condes de Belmonte, se celebrou o casamento da sr.ª Dona Carlota Isabel de Figueiredo Cabral da Camara, filha dos mesmos condes, com seu primo, o sr. Antonio de Sequeira Freire, filho primogenito dos honradissimos e opulentos condes de S. Martinho.

Quinze dias antes, tinha casado, o sr. D. José de Figueiredo Cabral da Camara, representante actual dos snrs. condes de Belmonte (bisneto, por sua mãe, dos reis de Portugal) com outra filha dos ditos snrs. condes de S. Martinho.

Estes casamentos promettem, por todas as razões, o mais auspicioso futuro.

(Continúa).

FOLHETIM

FACTOS HISTORICOS

PEDRO ALVARES CABRAL

(Continuado do n.º 8)

D. João 3.º, filho de D. Manoel, deu a grande capitania de *Porto Seguro*, a Pedro de Campos Tourinho, natural de Vianna, o qual, com a sua familia e outros, a foi povoar. Por sua morte, sua filha vendeu este territorio a D. João de Alencastre, duque de Aveiro. (a)

Depois, Philippe IV, o deu a D. Luiz de Alencastre, neto do duque, com titulo de marquezado.

No dia 23 de maio, do mesmo anno de 1500, na altura do *Cabo da Boa-Esperança*, soffreu a esquadra de Cabral tão horroroso temporal, que quatro das suas naus, foram a pique, morrendo quasi todos que as tri-

(a)—Vianna do Minho deu o nome de *Tourinho* a uma das suas ruas, e não deu o de *Caramurá* a uma outra.

Pois o *Caramurá* (Diogo Alvares Correia) tinha mais direito a isso do que o outro!

Este movimento quer dizer: — «Que lhe havemos fazer? Os rapazes dormem pouco, e o nosso partido dorme tanto que não accorda nunca!» — Não se nos dava pois de ouvir, aos que nos combatem o pensamento de organização e vida, justificar o seu modo de ver. Havia ser curioso ouvir-os. O despropósito tomava a forma de um recreio afevelado.

Felizmente no Minho ha bem poucos legitimistas da escola dos *ojalateros*.

Nós porém não escrevemos só para o Minho. Os veteranos legitimista do Minho não podem ser confundidos. Quando temos fallado de caturras e de Sebastianistas, não nos dirigimos aos nossos honrados e valerosos soldados de legitimidade, que apesar de idosos, são ainda os mesmos que em 1846 demonstraram que o legitimismo no Minho não perde nunca os seus fóros, nem deixa murchejar os seus louros.

Elles, como nós, velhos e novos, é certo que temos seguido, quasi instinctivamente a sorte do partido por um sentimento de disciplina, como quem attento aguarda a voz dos generaes; mas essa voz não chegou, nem esperamos que chegará nunca, por que não existem esses generaes.

E é por que chegamos a este desengano, que nos erguemos para vigiarmos, por nós mesmos, a nossa bandeira, e fazer nosso general o que de entre nós se mostrar mais digno.

Algun legitimista micropico, que por aberração ali exista, agarrado, de unhas e dentes, aos cabreiras de cá, esse não nos merece nem attentões, nem imputação. Felizmente que o Minho com raridade produz d'estas plantas parasitas.

Não obstante, se algum existe com a bocca cheia de legitimismo, e a cabeça e o coração cheio de vento, para esse pedimos a Deus um raio de luz. E quando essa luz lhe chegar, quando as nuvens de um entendimento rachítico forem dissipadas, esse, que venha a nós; e teremos braços amigos para com regozijo o abraçar, e occupará um lugar nas nossas filas tão distincto como o nosso.

NÃO

Mil vezes não!

Não queremos, nem por sombra introduzir no nosso partido a scisão; queremos sim união e ordem; queremos sim obedecer a seus chefes legalmente constituídos; queremos sim, ser submissos e obedientes em tudo que for justo e digno do partido legitimista. E' isto o que nós queremos, e é esta a doutrina do nosso jornal, embora *alguem* a tenha interpretado a seu belprazer.

Quando creamos a *Cruz e a Espada*, foi com o fim unico de combatermos a hydra da revolução, e juntar-nos as nossas débeis forças ás dos nossos irmãos que já se achavam no campo da batalha, para de commun accordo e engrossadas cada vez mais as nossas hostes, poder-mos um dia dar uma carga cerrada a esse demonio vivo, que se chama a *formosa liberdade*, em nome da qual se insulta e escarnece a Deus, que nos creou e remiu.

Foi, e é este o nosso proposito. Não temos odios a ninguém, e, se algum dos nossos artigos por falta de reflexão feriu, ou milindrou alguém, pedimos d'isso desculpa.

Não é o interesse, como todos sabem, que nos trouxe a este campo, nem a vaidade que não temos, nem tão pouco o amor proprio, porque, filhos do trabalho, é este para nós o brasão mais honroso que podemos possuir.

Foi este o maior sacrificio que podia-mos fazer á Causa de Deus e da legitimidade, e por não poder-mos calar no nosso animo tanta inercia, tanta inacção, e tanta frieza, é que gritamos, cheios d'amor: pae accorda; pae, o inimigo bate-nos á porta; pae, os nossos maiores deram a vida no campo das batalhas por Deus e pela Patria; pae, esse Deus ainda é o mesmo, e ha-de-nos tirar contas do nosso somno profundo, que é a morte; pae, accorda, accorda, porque a serpente da revolução, aproveitando-se da tua somnolencia está prestes a introduzir-te na bocca, e será o ultimo adeus. Accôrda pae, accorda!... deixa esse lethargo que deshonra e aviltra um partido.

Este nosso grito d'alerta foi por *alguns* escutado mal, não se pejando de apodar-nos de falsos legitimistas, e que era-mos guiados pelos filhos da revolução! Não, mil vezes não; porque, o que dizemos com a palavra, estamos promptos a sellal-o com o sangue. Abençoado seja esse dia, para mos-

trar-mos a esses zangões, que ao primeiro signal — Deus e Patria — encontra-nos-hão sempre na vanguarda, do flanco direito.

Nascemos, bendito seja Deus, com estas idéas, abraçamol-as logo que tivemos os verdadeiros conhecimentos, temol-as conservado firmes e intactas no nosso sacrario, e esperamos com a graça de Deus descer á sepultura com ellas. Todos nos conhecem, e do que somos capazes de fazer e obrar em defeza de Deus e da Patria.

Por ultimo, e sob a nossa palavra d'honra, podemos a fiançar ao nosso partido legitimista, que, assim como tivemos a coragem de crear a *Cruz e a Espada*, para um fim tão util e salutar, temos a mesma coragem para a estrangular, logo que extravia do caminho que deve seguir, que é defender a bandeira — Deus, Patria e Rei.

J. Torres.

RELIGIÃO

MOYSÉS

A raça dos guerreiros que se seguia em importancia á sacerdotal, era tambem ricamente dotada e possuia quasi a terça parte do solo. Cada guerreiro era senhor d'uma certa area de terra, livre de toda a classe de tributos; e dividiam-se em *celesirios* e *hermotybios*, contando-se dos primeiros 160:000 e 250:000 dos segundos. Todos os annos mil homens tanto d'uns como d'outros iam servir nas guardas d'el-rei, e durante este serviço, além do rendimento das terras que tinham, cada um recebia de ração um pouco mais de dois kilos de pão, mais de meio de carne e quatro medidas de vinho. Em consequencia dos muitos canaes que cruzavão o Egypto, este exercito formidavel era dividido em corpos de 1:000 homens, organizados de modo que cada corpo podesse operar em caso de necessidade com inteira independencia dos outros.

O difficil manejo dos carros de guerra e principalmente as superstições religiosas ocasionaram grandes desastres ao exercito egypcio; porém a nota de covarde que lhe tem sido dada, achu-se desmentida pelos monumentos encontrados na nossa epocha, os quaes nos mostram que muitas vezes se arrojarão com intrepidez a conquistas longinquoas e que conheciam melhor que nenhum outro povo as evoluções navaes.

Toda a porção da população livre que não pertencia nem ao corpo sacerdotal nem ao corpo militar, compunha uma terceira ordem do Estado, onde só havia oppressão. As pyramides, os obeliscos, as gigantescaas ruinas das construcções egypcias, ante as quaes emudecemos de espanto, nós que nascemos no seculo da electricidade e do vapor, attestão a mais degradante escavidão, bastando por si sós para explicar o motivo por que o Egypto foi sempre victima dos invasores que se lançaram sobre elle, dividindo-o e governando-o a seu sabor, mudando a cada passo as suas crenças religiosas, em quanto que o povo hebreu não obstante andar privado de nacionalidade e dissimulado por toda a superficie da terra, subsistia ainda, depois de tantos seculos de degradação, com sua religião, suas leis e costumes primitivos, como povo prophético da humanidade.

Alguas das condições civis do povo egypcio eram tão despresadas, que até lhes era interdita a entrada nos templos e o terem relações com as outras classes. Para exemplo a dos porqueiros. O porco era aos olhos dos egypcios como ao dos judeus, um animal immundo. Comtudo um antigo uso permitia sacrificar um animal d'esta especie na festa consagrada a Osiris, e os egypcios tambem se serviam d'elles na epocha das sementeiras para enterrarem as sementes, fazendo-os correr ás varas pelos campos lavrados.

A classe dos maritimos compunha-se de todos os individuos que se dedicavam á navegação do Nilo.

Prestavam grandes serviços por occasião da inundação que transformava periodicamente o Egypto n'um basto lago. Além d'isto havia ordinariamente no Nilo e nos numerosos canaes que sulcavam o paiz, um grande movimento de barcos de toda a especie; porque o transporte das mercadorias e dos materiaes necessarios ás obras publicas fazia-se por via d'agua.

As instituições politicas não podiam passar por grandes evoluções n'um paiz em que os sacerdotes exerciam tão grande influencia na vida social. Efectivamente, não obstante as numerosas revoluções porque passou o Egypto e os conflictos assás frequen-

tes entre a casta sacerdotal e a casta guerreira, o principio do governo conservou-se sempre o mesmo, e este principio foi o despotismo, saturado d'um caracter profundamente religioso, proveniente, talvez, da primitiva forma do governo, a theocracia.

Diz Diodoro:

«Os egypcios respeitam os ricos como se elles fossem deuses. A auctoridade soberana de que a Providencia os revestiu com vontade e poder de derramar beneficios, é, na opinião d'estes povos, um caracter da divindade.»

Logo que o monarcha era eleito, por este simples facto recebia honras quasi divinas, davam-lhe ordinariamente o titulo de *filho do sol*, adornavam-lhe a cabeça com a mitra de Osiris e a sua estatua era collocada a par das das divindades. Comtudo o poder real era moderado pelo poder sacerdotal, pela religião e por algumas uteis disposições (regimentos, ceremonias, etiquetas) que se estendiam aos actos mais insignificantes da sua vida, mesmo aos seus alimentos, aos seus prazeres, á distribuição do seu tempo, n'uma palavra, a tudo o que podesse pensar, dizer ou fallar. Consideravam muito respeitavel a pessoa do rei para o reprehender cara a cara; mas achavam meio de o advertir indirectamente, pois todas as manhãs o monarcha era obrigado a ir ao templo, onde o grão sacerdote o instrua em passagens apropriadas da historia, nas melhores maximas da moral, e em discursos em que pintava com vivas cores os males que acarretam aos povos os erros dos soberanos.

Quem não elogiara este bom uso da religião, reguladora da moral e mestra da verdade, n'uma parte onde esta penetra tão difficilmente como é junto dos thronos? Por isto mesmo ou para que na corte não entrasse o vicio nem a lisonja, o rei, no Egypto só podia ser rodeado de pessoas de reconhecido merito.

Com a morte do rei todos os habitantes se vestiam d'amarelo, cor da folha que no outomno cae e morre, uso um pouco diferente dos seus vizinhos da Ethiopia que, por occasião de luto, se vestiam de panno cor de terra que recebe os restos mortaes. Era de uso tambem rasgarem os vestidos, fecharem os templos, absterem-se de sacrificios, não celebrarem festividades durante 12 dias, em summa, paralyzarem-se todos os negocios. A alimentação de carne, ovos, queijo e vinho era prohibida. Grandes mós de homens e mulheres espalhavam-se pelas ruas e cantavam duas vezes por dia hymnos lugubres em louvor do morto. No ultimo dia d'esta demonstração de afflicção e dor, condusiam o corpo do soberano para a entrada do tumulo. Procedia-se então, segundo a lei, ao julgamento do monarcha. Um sacerdote recitava um panegyrico em que expunha as acções dignas de louvor do defuncto; e se o rei tinha governado bem e vivido sem macula, os milhares de assistentes davam a sua approvação á oração fúnebre; no caso contrario, manifestavam a sua exprobração por murmurios. Era esta a unica circumstancia em que o povo intervinha e era admittido a protestar contra o máo governo dos seus reis. Este juizo, apesar de se applicar aos actos de uma vida passada, não deixava de ter sua efficacia; porque um certo numero de principes tinham sido privados da sepultura real e as suas estatuas apeadas dos monumentos publicos, e por isso quasi todos praticavam a justiça com zelo, receosos de que, depois da morte, seus corpos fossem tratados ignominosamente e as suas memorias malditas para sempre.

Ao extinguir-se uma dynastia, o rei que inaugurava a que devia succeder-lhe era escolhido d'entre os mais poderosos representantes da casta guerreira; por seu fallecimento passava o poder, por ordem de primogenitura, a seus filhos, e na falta d'estes a suas filhas, e por fim a seus irmãos ou irmãs, conservando-se comtudo sempre a forma electiva.

Os candidatos ao throno deviam necessariamente residir junto a Thebas, onde era o pantheon dos monarchas egypcios e onde os sacerdotes e guerreiros procediam á eleição que, por necessidade, confirmava o povo com suas aclamações. Então o novo pharaó era conduzido ás margens do Nilo com grande acompanhamento de sacerdotes, militares e plebeus; um barco splendidamente adornado o trasladava á margem opposta e entre aclamações da multidão entrava no seu palacio.

Os oito livros de Mercurio Trimegisto, isto é, tres vezes maximo, constituíam o código egypcio. O adulterio castigava-se com mil açoites, cortando-se o nariz á adultera;

o accusador falso soffria a pena que devia ser imposta ao calumniado; aos falsificados cortavam-se as mãos; o homicida era castigado com pena de morte, ainda que a victima fosse um escravo (sendo considerado como assassino todo o que, podendo salvar o seu semelhante acomettido, o não fazia); os filicidas eram obrigados a estarem abraçados durante tres dias e tres noites com o cadaver da sua victima, suppondo o legislador que a natureza e o opprobrio seriam seus algozes; a mulher pejada não soffria o supplicio senão depois de ter descansado; o soldado que fugia cobardemente deante do inimigo era punido com a nota de infamia; finalmente, todos tinham obrigação de declarar annualmente á auctoridade competente o seu modo de vida, e se porventura se conhecesse que era illicito, eram considerados como réos de morte. (a)

Excellentes leis, principalmente esta ultima. Todo o cidadão tem obrigação de concorrer para o bem da sua patria, da sua familia e de si proprio, e quantos parasitas no *dulce farniente* da ociosidade senão veem entre os povos modernos e em todas as classes da sociedade? A promulgação d'uma lei similhante, na actualidade, seria um bem particular para os desgraçados que arrastam uma vida de vicios e de fome e em geral para as nações. Seria o desterro do pauperismo que hoje tanto assusta os economistas. Solon que conhecia que o primeiro de todos os bens da sociedade e o mananciai de todos os outros eram boas leis, não duvidou da sua efficacia e por isso a fez decretar em Athenas.

Mas, se no Egypto havia leis boas, tambem as havia más. Que diremos da lei que permitia a polygamia e o casamento entre irmãos? Havendo quasi numero egual de homens e de mulheres, a natureza assim como a união conjugal que é a base das sociedades, protestam contra ella; e a experiencia tem demonstrado que o casamento entre parentes proximos é causa de muitas infelicidades e motivo para a degeneração da especie humana. Por isso é que a egreja com muita razão obsta quanto em si cabe a estas uniões.

Que diremos tambem da lei que obrigava o filho a seguir a profissão do pae? Bossuet dizia que era boa, que concorria para o aperfeiçoamento das artes, mas nós diremos que não é tanto assim, porque nem todos os filhos tem a propensão dos paes, e perdiam-se muitos talentos que, livres, honrariam a patria. Ainda devemos acrescentar um facto que modifica sobre-modo o sentido do que d'ixamos dito sobre as leis egypcias, e é: que as leis boas só aproveitavam a poucos, ou seja ás classes dominantes ou privilegiadas, que as classes inferiores, lavradores, artistas, etc., esses eram-lhes sacrificados.

Reconhecendo que a felicidade dos povos depende sobretudo da boa administração da justiça, sem o que, o crime, não sendo castigado, arrasta logo a ruina commum, os egypcios tinham um tribunal supremo composto de 30 sacerdotes, eleitos d'entre os de Thebas, Heliopolis e Memphis, capitães das tres divisões do Egypto. Eram magnificamente retribuidos. Um dos juramentos que prestavam, quando tomavam posse do seu cargo, era que não obedeceriam ao mesmo rei se o que elle ordenasse fosse uma injustiça. O presidente d'este tribunal trazia ao pescoço, quando no exercicio das suas funcções, uma cadeia d'ouro da qual pendia a imagem da deusa Saté ou Verdade. Depois de pezar as razões que allegavam os litigantes e que deviam ser dadas por escripto para que os juizes se não deixassem seduzir pelos attractivos da eloquencia, cortava a questão, voltando em silencio a imagem para a parte que julgava assistida de melhor direito.

Augusto Semblano.

(a) Esta ultima lei é devida a Amasis que viveu muito tempo depois de Moysés e porisso o legislador hebreu não teve conhecimento d'ella; mas achamol-a tão importante que não resistimos á tentação de a exarar aqui, ainda que sem razão.

HORRIVEL SACRILEGIO!

A *Cruz e a Espada* que symbolisa a religião e a realeza, o direito e a força, a justiça e a misericordia, a lei e a moral, a concordia do sacerdocio e do imperio, a alliança, estreita, intima, cordeal, sincera da lei humana com a lei de Deus, que é o fundamento de todas as ordenações racionais do homem, promulgadas para o bem

commum porquem recebeu do alto o poder de governar as sociedades, não pôde deixar de escrever em suas columnas um protesto solemne contra o mais grave desacato e o mais horroso attentado que ha muitos annos se ha feito em terra portugueza contra Jesus Christo.

Os tempos vão maus para a religião catholica. Ha muito que em todas as espheras da actividade social se nota um crescimento constante de rebelião contra o principio religioso, que encadeia as paixões e as não deixa resfolgar á vontade.

Em todos os tempos tem havido homens maus, espiritos inquietos, impios e scelerados. Assim como sempre houve filhos perversos, criados infieis e subditos rebeldes, tambem existiram homens que levaram a sua loucura a erguer com soberba e até com odio os olhos para o ceu e abriram a bocca para proferir blasphemias, desafiando a divindade e insultando os que acreditam n'ella.

Felizmente para credito da dignidade humana uma tal aberração constituiu sempre uma pequenissima excepção ao sentir da humanidade inteira.

Estes abortos da natureza foram sempre olhados com horror pelas sociedades humanas, que repousam no conhecimento e no respeito de Deus; e quando as leis os não puniam com o vigor que mereciam, os povos se encarregavam directamente de pôr fóra de seu seio a peste que os ameaçavam com a ira do ceu e corrupção da terra.

E que o povo, que sempre conservou em si as grandes idéas tradicionaes da religião, que desde o começo do mundo esclarecem as sociedades e são sómente da divina doutrina ensinada por Deus a nossos primeiros paes e transmittida de mão a mão d'uma a outra geração atravez de todos os seculos, sobe, á luz de tal ensino, e além d'isso, por uma triste experiencia nunca desmentida, que o homem que não creê na existencia d'uma causa primaria, que criou, conserva e governa o mundo, é um animal depravado, um foco de corrupção, um inimigo perigoso, de quem se deve fugir como dos flagellos da peste, dos incendios, das guerras, dos terremotos e das inundações.

Atheos practicos tem havido muitos. Ha-de havel-os e regularmente é nas classes favorecidas de bens de fortuna e dotadas de meio saber que se encontram estas aberrações da razão e estes desvios do senso commum, que serão sempre considerados como aleijões na especie humana, assim como a loucura e a apologia do crime constituirão em todo o tempo um objecto d'horror perante a consciencia e o espirito do homem de bem e de um coração recto.

Os mais favorecidos foram sempre os primeiros e os maiores ingratos.

A quem Deus mais deu e portanto a quem tem de pedir maiores contas é de quem menos recebe em actos de reconhecimento e gratidão e quem mais abunda em acções de desagrado, d'offensa, de rebelião e d'injúria contra a mão liberal que o encheu de favores e beneficios assignalados.

Tambem no povo ha escandalos; mas o homem que sua todo o dia para comer um pedaço de pão negro que muitas vezes não chega para lhe matar a fome e vê o visinho levar vida de principe sem levantar uma palha do chão e empregar rios de dinheiro em ouropéis, comprados tantas vezes á custa das lagrimas do pobre e dos martyrios do proletorio, e em affrontar os costumes publicos e o culto estabelecido, sem que com taes escandalos deixe de receber os primeiros cumprimentos e as mais rasgadas saudações na praça publica da parte de toda a gente, tem como attenuantes de suas paixões desregradas as circunstancias d'uma vida atribulada e a influencia do mau exemplo que lhe deram os poderosos.

Todas estas considerações nos occorrem ao pensamento a preposito d'um inaudito escandalo e d'um nefando sacrilegio succedido na capital do reino fidelissimo no dia 7 do corrente mez.

E' tão grande, tão grave, tão atroz e tão horrivel o facto a que alludimos, que basta referir-o para entristecer as almas piedosas, encher-as d'uma santa indignação e animal-as a desagravar a Jesus Christo, offendido, cuspid, lançado por terra, escarnecido e vilipendiado por tres creanças, alumnos d'um collegio de Lisboa, na igreja parochial de S. Christovão, junto do altar-mór, estando aquelles alumnos guardados pelo respectivo director do estabelecimento, e presentes varias pessoas

que concorriam á desobriga na presente quaresma.

Na manhã de 7 do corrente, compareceram n'aquella igreja 4 estudantes da *Escola Moderna*, acompanhados do director do collegio para se desobrigarem.

Confessados apresentaram-se á mesa da communhão, que lhes foi dada. Apenas recebida, um dos alumnos levanta-se, antes de beber agua, do vaso que lhe offerencia o sachristão, mas, avisado pelo director, tornou a ajoelhar e fez uso da agua ou fingiu que o fazia.

Este facto, que podia ter explicação razoavel e mesmo honrosa na verdadeira dos annos e no respeito profundo do alumno pelo acto augusto que acabava de dar-se, e que poderia causar-lhe um santo temor e uma salutar perturbação, viu-se que era o pronuncio de maior desacato e mais grave insulto ao Santissimo Sacramento.

O parochio foi chamado da sachristia á igreja por alguns fieis, que viram mais 2 d'aquelles alumnos cuspir para o chão, cada um para o seu lado, logo que receberam o Senhor, e olhavam com ares de escarneo para um terceiro, que lhes mostrava em um lenço a Sagrada Particula, que tirára da bocca, e apontaram com o dedo o lugar onde tinham lançado a Hostia involvida em saliva e escarros, como se verificou depois que sahiram da igreja.

Como se vê aquelles estudantinhos estavam-se desafiando para verem qual era capaz de fazer maior affronta e maior judiaria a Jesus Christo!

Deus deixou-se ser insultado e nem se vingou nem consentiu que os fieis dessem a correcção que mereciam aquelles impios desde o começo da carreira da vida social, porque só se soube bem o que acontecera desde que iam caminho do collegio *aquellas esperanças da patria*.

Fizeram-se os actos ordenados pelo ritual para recolher as Hostias sacrilegamente lançadas da bocca para fóra e purificar o recinto onde estavam: procurou-se saber no collegio o que era feito do lenço e da Particula que hia n'elle, chegando-se a averiguar que tinham ido para lá, segundo a confissão d'um alumno porém não se soube mais nada, porque o estudante nem disse o que havia feito, nem onde existia uma ou outra coisa ou ambas.

Deu-se parte do desacato á auctoridade superior ecclesiastica e ao poder judicial.

E' preciso que se faça justiça e se dê um desagravo a Jesus Christo Sacramento e uma satisfação aos catholicos, que são a maxima maioria dos portuguezes, a quasi totalidade da nação.

Emquanto o desagravo não vem, vamos nós todos testemunhar a Jesus Christo o nosso amor de filhos obedientes, zeladores de um culto, e mostremo-lhe que por tres ou quatro falsos e maliciados portuguezes que o insultam, ha aqui quatro milhões de linguas que o confessam, quatro milhões d'almas que o adoram em espirito e verdade; como filho de Deus, Deus Elle mesmo, nosso unico nome de salvação, fonte de nossa alegria, nosso mestre infalível, cujo ensino o ceu nos manda ouvir, attender e guardar como norma segura da verdade e da felicidade da vida presente e da vida futura.

Dê cada um de nós n'este momento em que o nosso Pae Divino é desacatado horrivelmente por tres creanças corrompidos desde o apparecimento dos primeiros alvos da razão, um duplicado signal de entranhado amor e filial devoção a Jesus Christo, e sirva o nosso procedimento para o aplacar e obter que perdoe a quem tão cedo aprendeu, a offendê-lo tanto.

Aprendam os paes de familias a saber a quem confiam a educação de seus filhos, e conheçam que muitas vezes lhes sae o filho de casa um santinho e lhe entra n'ella um perfeito demonio. Tudo vem da educação. Se queremos filhos que os honrem, que os não matem, que os não roubem, que sirvam a patria e os amparem como bordão na velhice e continuem a tradição d'uma vida immaculada, tomem bem conta em que o conhecimento e o temor de Deus seja o alicerce, a base, o fundamento de todos os estudos humanos. Se tiram a Deus do mundo, esperem um pouco, que verão tudo voltado de cabeça para o chão e para o ar.

UMA AVE-MARIA Á VIRGEM DO SAMEIRO

—Foi no dia de hoje, consagrado á Annunciação de Maria, que os infernos estremeceram de horror ao ouvirem a saudação de Gabriel: *Ave-Maria*,

—Formosas são as flores do campo, como brilhantes são as estrellas do ceu. Magestade se encontra em todas as grandezas da terra e do mar; porém Senhora, em vós se encontra mais belleza, porque sois d'Israel a flor plantada pela mão de Deus, sendo toda: *Cheia de graça*,

—Como os anjos cantam no ceu os louvores ao Deus dos mundos; na terra hymnos de jubilo entõem trinta milhões de crentes diante do tabernaculo santo. A vós Rainha da humanidade, a mesma vassallagem vos é tributada, por quanto sois a arca d'alliança, a Esposa do Espirito Santo: *O senhor é convosco*,

—Erga muito embora a impiedade a sua cerviz maldita. Deixal-a seguir a sua marcha infernal, porque já mais conseguirá cantar victoria sobre a cruz do Vaticano. De nada valerão as algemas pesadas e fortes que se arrastam em Roma, forjadas nos infernos, para prenderem o catholicismo ao poder de Satanáz. A Heroína augusta, a Virgem Mãe, que esmagou com o pé a cabeça do dragão do Eden, ha-de dar o triumpho á Igreja. Sois vós Maria, a Judith que ha-de dominar as revoluções dos seculos. Engrandecida sejaes para sempre Senhora: *Bem dita sois vós entre as mulheres*,

—Bem dita na terra é a virtude, bem dita no ceu é a innocencia dos anjos,—bem dita na agonia é a contricção do muribundo,—bem dita para com a pobreza é a caridade,—bem dita no mundo a virgindade da donzella,—bem dita a viuva que ama a castidade,—bem dita a mãe que chora e canta com seu filho junto do berço,—bem dita a esposa que sabe cumprir os deveres que jurou,—bem dita a mulher mundana que sabe ser Magdalena e Cortóna,—bem dito o guerreiro que na sua cruzada santa beija com fé a *cruz e a espada*,—bem dito o homem que se dedica ao trabalho, segundo a lei do Senhor,—bem ditos as estrellas, as ondas do mar e as flores do campo,—bem dito, enfim, o ardente amor da patria; porém muito mais bem dito do que tudo isso é o nome de Maria!

Lá do cimo d'essas montanhas avistadas pelo navegante e pelas multidões, lá do meio d'esses rochedos vivos tapetados de flores do valle, abençoaes Senhora, a nação fidelissima. Testemunhe esse acto de amor e piedade o rugir dos mares, o sibilar dos ventos, o clarão prateado da lua e o fulgir brilhante do sol. Sede Virgem, Mãe e Rainha, a defeza segura de Portugal.

Em vós está a luz, em vós está a vida, porque sendo toda formosa, toda pura e toda santa: *Bem dito é o fructo do vosso Ventre=Jesus*.

M. B.

NOTICIARIO

Procissão de Passos.—É esta uma das mais brilhantes procissões que se fazem n'esta cidade, e talvez em todo reino. Hoje á noite sae o Senhor Bom Jesus dos Passos, da sua igreja, para a de S. Pedro e S. Paulo, é acompanhado pela Irmandade e por uma guarda de honra, com a respectiva banda do regimento 8. Os Passos devem estar elegantemente adornados com jardinatas e ricos vasos de flores, o que deve produzir um lindo effeito.

A primeira procissão de Passos que houve em Braga, foi no anno de 1594, sendo arcebispo Primaz D. Agostinho de Jesus.

Foi aparatosa e imponentissima e podemos affiançar que desde aquella data até hoje jámais se fez tão symbolica e elegante procissão de Passos.

Sabiu da igreja do Hospital de S. Marcos, levando diversas figuras allusivas ao *Te Deum Laudamos*, com a Cruz alçada em um carro triumphal, representado por figuras de todo o hymno.

Foi coadjuvada a Irmandade de Santa Cruz nas grandes despesas que fez, pela Irmandade de Nossa Senhora Branca.

A Capella—Mór da sé.—Estão concluidas as obras de pintura e douramento d'aquella elegante capella, uma das melhores das nossas Cathedraes.

O baldequim, obra nova, e de que tanto necessitava, produz um lindissimo effeito, e corôa com o admiravel gosto aquella obra dos grandes Primazes das Hespanhas.

O tecto é todo de marmore, obra de grande merito e executada pelos *Biscainhos* do seculo 15.º tempo em que governava a Igreja Bracaraense o senhor Arcebispo D.

Diogo de Souza, a quem esta Cidade deve muito:

Os ricos quadros de paizagem que adornam aquella maravilhosa capella, foram tambem limpos e dourados de novo, tornando assim cada vez mais alegre e encantadora.

Esta obra deve-se a S. Ex.ª R.ª o Snr. Arcebispo Primaz, que deixa alli gravado o seu bom nome, como Primaz das Hespanhas. Teem porisso as funções religiosas da Semana Santa, a qual S. Ex.ª R.ª assiste, de serem celebradas n'aquella magestosa capella, digna da primeira igreja das Hespanhas.

A obra a que nos referimos, foi executada e acabada com perfeição e esmero, segundo a opinião de pessoas competentes, tornando-se porisso digno dos maiores elogios o snr. João Pinto, modesto e honrado artista, não só pelo bom desempenho dos seus deveres, senão tambem pelos esforços que empregou, para dar cumprimento a tão ardua tarefa, honrando assim a sua arte.

Os nossos sinceros parabens.

Fallecimento.—Na segunda feira entregou a alma ao Creador a Exm.ª Snr.ª D. Rita da Fonseca Cardoso e Maia, thia do nosso dedicado amigo o Exm.º Snr. Antonio Maria da Fonseca, empregado no governo civil, e illustrado correspondente do *Comercio do Porto*.

A nobre finada contava 71 annos, e foi sempre uma alma adornada das florinhas com que se veste a innocencia, e que só aspiram ao Reino Celeste—patria dos bem-aventurados.

Receba, pois, o nosso particularissimo amigo os mais sentidos pezames pela perda de sua boa thia, e aos nossos leitores pedimos orações da Igreja em soffragio de sua alma.

A «Folha de Braga».—É este o titulo de um novo campeão, que vem, como denodado soldado, assentar tenda no campo da imprensa. Diz não ter politica assim será mas isso é lá com elles; a nós pouco nos importa.

O novo jornal de que é redactor o Snr. José Luz Braga, moço muito intelligente, mereçe os applausos do publico pela galhardia e primor dos seus escriptos.

Apetecemos-lhe longa e prospera vida.

Novo jornal.—Consta-nos que vai apparecer mais um novo jornal progressista,

O titulo ignora-se por emquanto.

Venha mais essa *fregideira* na propoção do augmento da lei do sello.

Prisão.—Deu entrada na cadeia d'esta cidade um individuo de S. Paio de Marelim, em consequencia de se achar pronunciado por ter ha tempos dado umas pancadas em um seu companheiro quando voltavam da feira de S. Sebastião.

Alguns jornaes d'esta cidade disseram que tal prisão se effectuava por este sujeito haver esfaqueado a mulher e a sogra, que se acha no hospital em perigo de vida quando ambas estão em sua casa de perfeitissima saude.

A falta de trabalho, a miseria e a fome é que faz muitos desgraçados.

Conegos.—Uma folha d'esta cidade diz:

«E certo que, logo depois do encerramento das côrtes, vai ser nomeada uma fornada de 40 a 50 conegos.»

Depois acrescenta:

«Como Zé povinho gosta e paga, não temos nada com isso.»

Tem razão, collega, que os liberaes são assim uns *mãos lavadas*; mas aos governos que se apossaram dos bens da Igreja em todo o Portugal e seus dominios não lhes chegará tudo isso para pagar a 40 ou 50 conegos?

Antes de lhes roubarem o que era seu, as mitras e aos conventos, sustentavam-se conegos e frades, e estes sustentavam muitos pobres, sem pedirem nada aos governos, e agora?

Depois de roubados, quando se lhes dá um bucadinho por amor da liberdade, evoca-se o *Zé povinho*, fazendo-se acreditar que é elle que paga.

Depois de completa venda dos passaes, hade vir a dotação do clero e logo depois esses alarves da impreza liberal hão de gritar.

«Paga Zé povinho!»

Ao Bom Jesus.—Prepara-se Braga para assistir á inauguração do elevador.

As experiencias ultimamente feitas produziram o melhor resultado.

Este novo melhoramento chamará de certo muitos vizitantes ao Bom Jesus do Monte.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

Pelo Juizo de Direito d'esta Cidade e Comarca de Braga e cartorio do escrivão do Segundo officio, João Marques d'Araujo Ribeiro correm editos de trinta dias, citando chamando e requerendo todas as pessoas incertas e quaesquer credores e legatarios desconhecidos ou residentes fora da comarca, que se julgarem com algum direito e acção ao casal do finado Manoel Clemente Salgado Carneiro, morador que foi n'esta cidade, para que venham dentro d'aquelle prazo que começará a correr na fórma da lei, deduzir e allegar seus direitos ao inventario a que se procede por seu fallecimento pendente no cartorio do referido escrivão, assistindo aos termos d'elle, sob pena de a sua rebelia seguir os mesmos seus termos e ser por sentença julgada. Leva este annuncio collada uma estampilha do valor de 10 reis devidamente inutilisada.

Braga 15 de Março de 1882.

O Escrivão

João Marces de Araujo Ribeiro

Verifiquei a exactidão

(26) Adriano Carneiro de Sampaio.

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situa da na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellente quintal, e agua de poço com bomba.

No caso de venda pôde ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Tracta-se na redacção d'este jorna

Arrematação

Pelo juizo de direito d'esta cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão infra, no dia dous do mez d'abril seguinte, pelas dez horas da manhã, á porta do tribunal da Justiça, sito no largo de Santo Agostinho, d'esta mesma cidade, tem de proceder-se á venda em hasta publica, os predios seguintes: Uma morada de casas sobradadas com seu quintal e mais pertenças, designada pelo numero 14 e 14—A, no valor de 400\$000 reis; outra morada de casas terreas com seu quintal, designada pe o numero 15, no valor de 200\$000 reis;

outra morada de casas terreas com seu quintal, designada pelo numero 16, no valor 300\$000 reis: todos estes predios são situados na rua nova de Santa Cruz, freguezia de S. Victor, d'esta cidade: — Uma morada de casas sobradada de dous andares com quintal, poço e mais pertenças e designada pelo numero 65 a 65—B, sita na rua de D. Pedro V, da dita freguezia, no valor de 1:400\$000 reis; sendo que os rendimentos d'este predio, acham-se pagos até ao fim do corrente mez de março; dez moradas de casas, sendo quatro torres e seis terreas, designadas pelos numeros 33 a 42 inclusive, com seus respectivos quintaes, poços e campo junto e tudo sita na rua da Ponte, freguezia de S. Lazaro, d'esta cidade, no liquido valor, abatida a reserva do uso-fructo da casa designada pelo numero 33, que pertence a Francisca Thereza, a quantia de 2:858\$820 reis; sendo que todos os ditos predios, são de praso, sendo estes foreiros ao Cabido

Primaz, e aquelles á Mitra Primaz, não sendo abatidos na louvação os respectivos fóros, tudo penhorado a Jeronymo Lopes de Castro e Souza, ausente em parte incerta no imperio do Brazil, e mulher Anna Luiza de Souza Pimentel de Menezes, d'esta cidade, em execução movida pelo bacharel Antonio Roberto de Araujo Queiroz, d'esta mesma cidade: e são citados os credores incertos, para comparecerem no acto da praça, querendo, e deduzirem seus direitos.

Braga 9 de março de 1882.

O Escrivão

Antonio José Gonçalves.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Adriano Carneiro de Sampaio.

(23)

COLLEGIO DE SANTA CATHARINA

Rua da Alegria N.º 473

PORTO

Este collegio mudou em outubro, para a linda quinta denominada do Luciano, logar o mais saudavel da cidade do Porto e o mais proprio para casas d'esta ordem.

Bôa disciplina; instrucção bem dirigida; sustentação solida, sadia e abundante. Os alumnos são tratados como filhos.

Pede-se aos paes de familia o favor de visitarem esta casa de educação e de se informarem a respeito d'ella.

O Director.

José de Ramos Soares Baltar.

LOTERIAS

EXTRACÇÃO A 4 DE ABRIL

Principia ás 11 e meia horas de manhã. De tarde estará patente o telegrama dos premios maiores; ha apenas um resto de vilhetes, meios decimos, oitavos, quartos e fracções de diferentes preços. Estão á venda na casa de Cambio e Lotarias na Praça do Barão de S. Martinho n.º 28—Braga.

Encontra-se n'este estabelecimento um bom sorrido de Bilhetes de Loteria, para todos os sorteios.

Agente de Antonio Ignacio da Fonseca e de João Candido da Silva, n'esta cidade, IGNACIO TORRES, Praça do Barão de S. Martinho n.º 28—Braga.

Faz sciente que vendeu, da loteria de 21 de Março, os seguintes premios.
4414 em cautelas.. 200\$000 reis.
2714 em cautelas.. 100\$000 reis
990 em cautelas.. 100\$000 reis
1608 em cautelas.. 100\$000 reis
977 em cautelas.. 100\$000 reis

Na mesma casa fazem-se chapéos para Senhora e criança, de vesita, e de Campo, á moda de Paris; assim como se compõe os mesmos; preços commodos.

Na mesma casa se encontra um bom sortimento de camizas, colarinhos, punhos, mantas e gravatas, tudo alta novidade.

LA MOSCA

JORNAL DE CARICATURAS

Preço por 3 mezas ou 12 numeros, 400 réis.

Publicou-se o numero 45, e está em publicação o numero 46.

Toda a correspondencia será dirigida ao gerente do Jornal *La Mosca*, Travessa do Cêgo, á Praça das Flores, 23, Lisboa.

Dinheiro a juro

Na confraria de Santa Luzia, erecta na Sé Primaz, ha para mutuar a quantia de 416\$000 reis, sob hypotheca: quem pretender a dita quantia, pôde dirigir á meza o seu requerimento e juntar os titulos respectivos da hypotheca a constituir.

Braga 24 de Fevereiro de 1882.

O secretario,

(16) Gabriel Angelico de Carvalho.

O PROGRESSO MODERNO

E O

Compadre Caturra

Ou uma palestra ao cair da tarde

POR

CARNELIO ARGUS

(Segunda edição correcta e augmentada)

Com permissão do exm.º snr. Cardeal

FERREIRA DOS SANTOS SILVA

BISPO DO PORTO

Editor, José Fructuoso da Fonseca

Preço 100 réis.

Vende-se na administração da Palavra.

Carimbos de Borracha

Que servem para marcar muitos e diversos objectos, especialmente papel, roupa branca, madeira e sola, e até no proprio vidro ou crystal, etc.

Fazem-se estes carimbos pelo systema inglez o mais perfeito e conhecido, e garantidos por 15 annos, de 1\$000 reis para cima e em todos os formatos, que se possam imaginar, etc., etc.

Estes carimbos pela sua perfeição são preferiveis aos de metal ou de outro qualquer material, dando resultados os mais satisfatorios. Fazem-se com armas e emblemas e monogramas e mesmo firmas ou nomes a imitar a propria assignatura (fac-similes), etc., á vontade do pertendente.

Carimbos de borracha, calendarios grande novidade.

Quem pretender, dirija-se por escripto ou pessoalmente a Antonio Germano Ferreira, travessa de S. João, n.º 14.—Braga.

O DIABO

SUA EXISTENCIA E SUAS OBRAS

POR

P. A. DE LA PORTE

Membro da Sociedade da Misericordia, Doutor em Theologia e Professor dogmatico na Universidade de Bordéus

VERSÃO DE FERNANDO D'AQUINO

Riem-se por ahí muitos de quem possue ainda o raro bom senso de acreditar no Diabo e seus maleficios. Não admira; a nuvem materialista pretende occultar-nos Deus, deve igualmente velar-nos a inferno e seus sinistros habitadores; sem isto já-mais poderá haver completo esquecimento da vida eterna que nos espera, e da suprema justiça de Deus que ha de julgar-nos.

Fazendo côro com os materialistas ouve-se até quando em quando a gargalhada imprudente e irreflectida d'alguns que se teem na conta de bons catholicos, que dizem prestar assenso aos dogmas da Religião, mas que descreem do poder, astucia e malvez do Diabo, e não sabemos se até mesmo da sua existencia!

Para desenganar d'uns e outros o dr. P. A. de La Porte escreveu o livro precioso acima indicado, cujo traducção e impressão estão concluidas; livro que em Portugal, como aconteceu em França, ha de ncessariamente despertar o interesse e curiosidade de todos, ainda os mais scepticos ou indifferentes. A posição do auctor é garantida sufficiente do merito e orthodoxia do livrinho; e pela enumeração e indicação dos capitulos poderse-ha antecipadamente avaliar quanto são curiosas e importantes as materias que n'elle se contém Eil-os.

- I—Importancia da questão.
- II—É certo existir o diabo?
- III—Os espiritos rebeldes ao cairem do céu não perderam tudo?
- IV—Se os espiritos maus estão no inferno como podem pertnbar a terra?
- V—Os espiritos maus são responsaveis por todos os maleficios que se lhes atribuem?
- VI—Mas, que interesse tem o diabo em nos fazer mal?
- VII—A religião do diabo.
- VIII—Um homem sensato pôde acreditar hoje em feitiços?
- IX—Não é possivel explicar d'um modo natural os factos reputados diabolicos?
- X—O que é um pacto com o demonio?
- XI—O diabo tem chifres e pés de bóde?
- XII—O diabo é propheta?
- XIII—O diabo é medico?
- XIV—Das relações com os espiritos maus, ou do espirito ritismo.
- XV—Homens muito dignos creem na intervenção dos espiritos bons; commette erro?

XVI—Espiritismo e evocação dos mortos.
XVII—Excellentes christãos julgam poder obrigar as mesas a fazer vaticios, não tendo ainda a Igreja decidido nada a tal respeito.

XVIII—É, peccado grave conversar com os espiritos, com tanto que se não sacrifique a fé?

XIX—Que differença ha entre alucidez magnetica e o espiritismo.

XX—O diabo o é chefe das sociedades secretas?

XXI—O que é tentação diabolica?

XXII—O que é estar possesso do diabo?

XXIII— que é o exorcismo?

XXIV—Os fieis teem meios de combater o diabo?

XXV—Agua benta, signal da cruz e reliquias.

XXVI—Na lucta contra o demonio qual é a vantagem do estado de graça?

XXVII—Pão dos fortes.

XXVIII—Maria, socorro dos christãos.

XXIX—Da assistencia angelica.

XXX—Sorte final dos vencedores e vencidos.

XXXI—Aviso aos que creem e aos que não creem.

APPENDICES

- A— Todos os espiritos advinhos são reprobos?
- B—Transmigração das almas.
- C—Advogados do diabo no seculo XIX.

Para que este util e curioso livrinho possa chegar a ter entre nós a diffusão que teve em França, onde se esgotaram já seis edições, arbitramos-lhe um preço relativamente modico, e offerecemos a commissão de vinte por cento a quem quizer incumbir-se da distribuição d'alguns exemplares e cobrança das respectivas importancias, ficando por isso considerado nosso correspondente. Todas as requisições, excepto as dos correspondentes, deverão vir acompanhadas do seu importe, em vale do correio ou estampilhas de 25 reis, em carta franquiada para o editor Padre Luiz Pereira de Sampaio, Travessa de S. Bartholomeu n.º 1.— LISBOA.

PREÇO 300 REIS.

TYPOGRAPHIA LEALDADE DE MANOEL JOSÉ ANTUNES DE CARVALHO

Rua de Jano N.º 1—1.º andar.